



## “O meu filho mais novo sofre mais com a distância, mas depois vê o pai no monitor e acabam-se as saudades”, diz o primeiro-sargento Neves

televisão (com SporTV incluída). Quem tira a bica é Vlora Havolli. A kosovar albanesa, nascida em Pristina, está atrás do bar há oito meses. Dos soldados portugueses diz apenas que são pessoas simpáticas, característica que não utiliza para definir os seus compatriotas. “Não me sinto segura na rua, é perigoso”, confessa a jovem de 25 anos, no seu inglês simples mas sincero, “e tenho mais medo dos albaneses do que dos sérvios”. “As pessoas daqui não são boas, e eu não quero cá ficar”, explica a futura esteticista, que sonha com a Suíça.

Fumar? Só lá fora, no alpendre, onde às temperaturas negativas se junta quem consegue vencer o frio, mas não o vício. É o caso de Miguel Amorim, do módulo de engenharia. O soldado de Santa Maria da Feira não vai a casa durante as férias. “A família já está avisada, vou fazer um ‘inter-rail’ aqui à volta.” Macedónia, Bulgária, Turquia e Grécia são os países escolhidos, mas

em alojamentos baratos, apesar dos cerca de três mil euros que recebe por mês, em missão. E a namorada? “Está mentalizada”, ri-se.

Além das férias, que muitos aproveitam para voar até Portugal, é a navegar que os soldados atravessam os cerca de 2500 quilómetros que os separam das famílias, caras-metades e amigos. Todos os quartos têm ligação à Internet, e quase todos os militares trouxeram um computador portátil. “O meu mais novo sofre mais com a distância, mas depois vê o pai no monitor e aca-

bam-se as saudades”, explica o primeiro-sargento Neves, que quase todas as noites recebe notícias da mulher e dos filhos via ‘skype’, um ‘software’ que permite efectuar videochamadas gratuitas através da Net.

“São só seis meses”, diz alguém, garantindo que “não custa nada”. Mas a frase, proferida sem convicção, parece servir para se convencer a si próprio. “E o capelão? Esse está pior do que nós.” Difícil é ter de andar sempre fardado, confessam, ou não poder sair de Slim Lines sem ser em missão. No anterior batalhão, um português envolveu-se com uma sueca, diz-se. Além de André Oliveira e Patrícia Santos, nesta missão há outros casais que aproveitam o tempo para namorar mais ou menos às escondidas. Mas não querem falar sobre isso. Respeite-se a sua opção. São coisas do foro íntimo, paixões em tempos difíceis, sentimentos de quem procura encontrar a paz no seio da guerra. **NS**

**TRANQUILO**  
O computador ligado à internet permite ao sargento Neves o contacto diário com a família

### PARA ONDE VAI O KOSOVO?

O dia 10 de Dezembro aproxima-se rapidamente. É nessa data que termina o prazo para a entrega, pelo Grupo de Contacto para o Kosovo, representado pela ‘troika’ de negociadores (União Europeia, EUA e Rússia), ao secretário-geral das Nações Unidas, do relatório com os termos de um acordo no âmbito da chamada “independência sob supervisão internacional” do Kosovo. Acontece que a possibilidade de conseguir um consenso entre a Sérvia - país que detém à luz do direito internacional a soberania sobre o território - e os albaneses do Kosovo, apoiados por Moscovo e Washington, respectivamente, parece cada



vez menos provável. O sucessor de José Sócrates na presidência da União Europeia, o primeiro-ministro esloveno Janez Jansa, afirmou que a UE tem de “assumir a liderança”, uma vez que o Kosovo se trata de uma “questão doméstica na Europa, não na Federação Russa ou na América”. Mas por enquanto os 27 estão divididos. A maioria apoia a independência da província nos termos definidos, mas outros receiam que o processo conduza a ameaças de separatismo dentro dos seus próprios territórios. Apesar de concordarem na urgência de uma solução, os albaneses (90 por cento de uma população de cerca de 1,8 mil-

hões) continuam a querer a independência e os sérvios (cerca de 100 mil pessoas) uma autonomia com ligação a Belgrado.

Entretanto, num processo eleitoral boicotado pela Sérvia, os albaneses do Kosovo elegeram o ex-guerrilheiro Hashim Thaci, do Partido Democrático (PDK), que já ameaçou declarar unilateralmente a independência. Se isso acontecer, como reagirá a Sérvia? Parece pouco provável que se limite a observar. E se intervier, será possível evitar a eclosão de um conflito armado entre sérvios e albaneses? E as Nações Unidas, que administram o território ao abrigo de uma resolução do Conselho de Segurança, como se portarão? E os membros da KFOR, responsáveis por manter a segurança na província, o que farão? E Portugal, que posição deverá optar? Retirar as tropas? Ou permanecer no Kosovo?